

GURILÂNDIA (1948-1965): OS LAÇOS ESTREITOS ENTRE A GRANDE IMPrensa E A ESCOLA

André Carazza dos Santos – USP

3 – Cultura e práticas escolares

Objeto de estudo

Fundado em 07 de março de 1928 e integrado à rede dos Diários Associados em 12 de maio de 1929, o “Estado de Minas” iniciou os anos 1930 já demonstrando uma pujança que iria se confirmar e estender-se às décadas seguintes: tornou-se o principal e mais popular jornal mineiro, além de constituir o grupo mais sólido e melhor administrado da extensa rede comandada por Assis Chateaubriand.¹

Embora careça de um estudo que situe estas produções com maior precisão, é provável que este jornal mineiro ostente o vanguardismo de ter sido o primeiro jornal da grande imprensa brasileira a produzir um suplemento infantil encartado ao restante do periódico.² O primeiro suplemento deste gênero do “Estado de Minas” foi criado em outubro de 1934, intitulado “Pequeno Mundo da Gente Nova”, logo substituído por “O Malazarte”, que circulou de 1934 a 1940.³

Embora destinados ao público infantil, tanto “Pequeno Mundo da Gente Nova” quanto “O Malazarte” possuíam uma desarmonia entre uma temática pueril e uma linguagem, escrita e visual, eminentemente séria e sóbria. Esta inadequação pode ser demonstrada pela ausência de desenhos e gravuras, como também pelo vocabulário que quase não distinguia do restante do jornal. Outra deficiência diz respeito à periodicidade destes suplementos, que, embora dominicais, passavam meses sem circular.

Ausente durante oito anos, período no qual a imprensa escrita brasileira sofreu com a recessão imposta pela Segunda Guerra Mundial, o suplemento infantil do jornal “Estado de Minas” retornou no primeiro mês do ano de 1948. Com um novo projeto gráfico e uma linguagem própria para as crianças, *Gurilândia* supria as deficiências dos dois suplementos

¹ Cf. CARNEIRO, 1999.

² As primeiras publicações brasileiras de revistas infantis datam do início do século XX, com o pioneirismo de *O Tico-Tico*, de 1905. Os suplementos ou cadernos infantis, encartados ao restante dos periódicos, no entanto, são bem posteriores.

³ Informações obtidas em pesquisa aos exemplares do “Estado de Minas”, visto que faltam dados que interessam a este estudo inclusive no arquivo deste jornal.

anteriores. Mais que isso, este novo suplemento infantil inaugurou um estreito diálogo entre a escola e a grande imprensa brasileira, diálogo este sem similar naquele período e ainda hoje pouco efetivo.

Deste modo, apesar da presença dos apelos à diversão e ao entretenimento, o suplemento orientou-se por uma aproximação com os saberes e com o interesse pedagógico escolar, caracterizando-se, de modo explícito, como um colaborador e um auxiliar do professor. O contato com as escolas, naquele momento bastante intenso, pode ser ilustrado pelas parcerias na promoção de concursos e pelas colunas destinadas exclusivamente aos professores.

Sendo assim, ao lado de atividades com uma pretensão predominantemente recreativa (“Para você colorir”, “Aprenda a desenhar”, Adivinhações, Jogos dos erros, Tiras humorísticas, Palavras Cruzadas, Curiosidades), o *Gurilândia*, notadamente no período que está sendo estudado, privilegiou os conteúdos com pretensões explicitamente didáticas, como fábulas; contos; história do Brasil; história da música; história da literatura; regras de gramática; conhecimentos de ciências naturais; higiene pessoal; concursos de redação e desenho.

Outra distinção que pode ser feita diz respeito ao conteúdo *para* a criança e *sobre* a criança. Este último, embora presente em um suplemento infantil, era destinado exclusivamente aos pais e profissionais da educação, destacando-se: colunas escritas por professores para professores, com teorias, planos de aula e conselhos para o exercício competente da profissão; dicas de livros que tratam da educação de filhos ou alunos; publicação de notícias de diversas escolas mineiras, realçando boas iniciativas destas instituições.

Esta orientação certamente foi influenciada por Celso Brant, diretor e responsável pelo suplemento desde sua criação até o ano de 1955. Bacharel em Direito pela UFMG, onde lecionou, Celso também atuou como jornalista, economista, literato, musicógrafo e político. Em 19 livros publicados, discutiu diversos temas das áreas onde atuou, incluindo a educação. Eleito deputado federal por duas vezes (1956 e 1960), Celso Brant foi Chefe do Gabinete do Ministro Clóvis Salgado, de 1956 a 1958, substituindo este, por dois meses, entre abril e maio

de 1956, no Ministério da Educação e Cultura do governo de Juscelino Kubitschek.⁴ Amigo e admirador de Mário Casassanta, um dos mais importantes expoentes do movimento escolanovista mineiro, Celso Brant procurou utilizar o discurso, as práticas e os saberes defendidos pela Escola Nova no suplemento infantil que dirigia.

A saída de Celso Brant da direção do *Gurilândia*, em 1955, não causou nenhuma alteração significativa na publicação, que permaneceu com o mesmo perfil de sua criação até 1965. Neste ano, porém, através de uma profunda reformulação, o suplemento infantil perdeu seu objetivo pedagógico “quase-escolar”, transformando-se em um caderno muito pouco informativo e destinado eminentemente à recreação e à diversão dos leitores.

Periodização

A escolha do corte temporal, que inicia em 25/01/1948 e termina em 12/06/1965, obedeceu a uma opção pelo conteúdo de *Gurilândia*. Neste período, apesar da presença dos apelos à diversão e ao entretenimento, o suplemento orientou-se por uma aproximação com os saberes e com o interesse pedagógico escolar, caracterizando-se, de modo explícito, como um colaborador e um auxiliar do professor.

Objetivos

O exame dos exemplares do suplemento infantil *Gurilândia*, de 1948 a 1965, juntamente com o estudo da bibliografia referente à história da infância e à história dos impressos e da leitura, ainda em andamento, visa os seguintes objetivos:

- Compreender os principais interesses desta publicação;
- Debater a relação desta publicação com as instituições escolares;
- Discutir as teorias pedagógicas que fundamentaram e orientaram o suplemento;
- Identificar e discutir o conteúdo ideológico do suplemento;
- Discutir as estratégias utilizadas para atrair, seduzir e cativar o leitor, bem como seus resultados;
- Perceber como eram organizados e expostos os conteúdos, bem como quais conteúdos/disciplinas eram privilegiados e preteridos;
- Apontar e questionar as representações de gênero, raça, etnia, religião e sexualidade;

⁴ Celso Teixeira Brant (1920-2004) também se candidatou à Presidência da República, no ano de 1989, pelo Partido da Mobilização Nacional (PMN), por ele fundado.

- Situar a publicidade presente no suplemento com a percepção da potencialidade do mercado destinado ao público infantil;
- Relacionar o suplemento *Gurilândia* com outras produções culturais do período também destinadas ao público infantil;
- Compreender a recepção e o uso deste suplemento por parte de seus leitores;
- Questionar, através do estudo do *Gurilândia*, os atuais suplementos infantis, alertando para a carência de preocupações educativas nestas publicações.

Referencial teórico

Esta pesquisa vê no *Gurilândia* um suplemento infantil que excedeu os limites do entretenimento descompromissado, característica marcante deste tipo de publicação, e apresentou conteúdos e objetivos similares aos das instituições escolares. Sendo assim, é importante destacar as contribuições de Silva (1999), para quem todas as instâncias culturais, mesmo aquelas que não têm um currículo no sentido mais restrito do termo, que significaria um objetivo planejado de ensinar um certo corpo de conhecimentos, devem ser vistas como pedagógicas, pois influenciam o comportamento das pessoas por meio de informações e mensagens. Assim, estas instâncias extra-escolares apresentariam um currículo de características próprias, que podem tanto distanciar quanto aproximar do currículo acadêmico e escolar.

Por outro lado, não se podem olvidar as profícuas reflexões que vêm sendo desenvolvidas pelos historiadores da imprensa. Nóvoa (1997), ao destacar a importância da imprensa na construção da História da Educação, afirma que é difícil encontrar um outro corpus documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as decepções e as utopias que marcam a educação. Para ele, algumas características próprias da imprensa (como a proximidade ao acontecimento, seu caráter fugaz e polêmico, e seu desejo de intervenção na realidade) lhe conferem um estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da educação e da pedagogia. Deste modo, o valor da imprensa escrita residiria nas leituras que outras fontes não autorizam. Convergindo com o pesquisador português, Caspard e Caspard (1997) observam que, por ser abundante e diversa, a imprensa pedagógica, de modo específico, é um *mídia* mais interativo que os tratados e manuais, constituindo, desta forma, em um dos melhores observatórios dos movimentos sociais e educacionais.

Visto que este estudo objetiva, de modo especial, a compreensão dos usos que se faziam do suplemento *Gurilândia*, é importante ter em mente que a leitura é sempre uma produção de sentido. Goulemot (1996) defende que ler é constituir um sentido, não reconstituir o sentido desejado pelo autor, pelo editor ou por quem quer que seja. A dificuldade de se buscar os indícios da leitura que se fazia do *Gurilândia* reside no fato de que todo texto literário é polissêmico, resultando de que a leitura nunca se prende a nenhum determinante, e sim está sujeita a inúmeras variantes. Chartier (1996) alerta que o autor e o editor inserem senhas/sinais, implícitos e explícitos, a fim de sugerir uma determinada leitura, de acordo com suas intenções. No entanto, apesar destas estratégias, a leitura continua sendo uma prática criadora, inventiva e produtora, em que cada texto adquire uma significação plural e móvel. Sendo assim, a contribuição deste pesquisador francês se faz ainda mais forte, visto que esta análise almeja a compreensão daquilo que ele denomina de “mundo do texto”, “mundo do editor” e “mundo do leitor”. Deve-se ter claro que cada um destes “mundos” contém interesses e características próprias, sendo necessário, portanto, estudar as particularidades de cada um.

Por fim, já que esta pesquisa também aborda a discussão das representações veiculadas pelo *Gurilândia*, é importante estudar também as ilustrações presentes nesta publicação. Dentre outros, é relevante a contribuição neste campo de Choopin (2004), que enfatiza a necessidade da ilustração não ser considerada como um mero enfeite do texto, defendendo uma articulação semântica entre texto e imagem.

Fontes

A pesquisa em andamento utiliza-se de fontes primárias e secundárias. Assim, estão sendo pesquisados os exemplares do *Gurilândia*, veiculados aos domingos pelo jornal “O Estado de Minas”, disponíveis a consultas tanto na Hemeroteca Pública do Estado de Minas Gerais quanto no Arquivo Estado de Minas. Por outro lado, estão sendo realizadas entrevistas com personagens que participaram da produção ou circulação deste suplemento, ou mesmo de sua utilização em escolas. Livros didáticos do período também estão sendo analisados para uma melhor caracterização do objeto de estudo desta pesquisa. Por fim, também está sendo utilizada a bibliografia referente à história da infância e à história dos impressos e da leitura.

Procedimentos metodológicos e técnicos de investigação

O estudo em questão encara o suplemento infantil do jornal “Estado de Minas”, *Gurilândia*, como um espaço pedagógico que, durante 1948 a 1965, exerceu forte influência sobre pais, professores e crianças. Por outro lado, o *Gurilândia* também era regido pelas dinâmicas comerciais e interesses políticos que caracterizam a atividade jornalística, além de se utilizar da estrutura e dos recursos de uma grande rede de comunicação. Deste modo, o suplemento infantil equilibrava-se em torno de um tripé composto pela diversão, pela educação e pelo comércio.⁵ Assim, este suplemento apresentaria a particularidade de utilizar estratégias e características da produção cultural para as crianças aliadas a objetivos próprios da pedagogia escolar de meados do século XX.

Visto isso, convém destacar que, ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, alguns cuidados estão sendo tomados. Primeiramente, é necessário ter em mente a necessidade e o enriquecimento oriundo do cruzamento de diferentes fontes. Sendo assim, o suplemento em questão será contraposto a outras produções culturais do período igualmente destinadas ao público infantil, buscando-se, além das especificidades do *Gurilândia*, a compreensão do processo de construção social da infância em meados do século passado.

É importante mencionar que, como qualquer outra fonte histórica, o jornal deve ser estudado de modo cuidadoso. Capelato (1994) observa que o pesquisador não pode se olvidar de importantes questionamentos ao eleger um jornal como fonte de estudo. O perfil provisório do periódico, segundo a autora, deve ser obtido através de dados preliminares oriundos das seguintes indagações: quem são seus proprietários? A quem se dirige? Com que objetivos e quais os recursos utilizados na batalha pela conquista dos corações e mentes?

Algumas pesquisas também fornecem importantes subsídios que estão sendo seguidos neste estudo. Fernandes e Filgueiras (2004), ao pesquisarem os manuais escolares portugueses, propõem uma análise do *corpus* documental pesquisado em torno de três categorias principais: Descrição física do livro (Autor; título; editora; local; data; ano; escolaridade; custo; dimensão - altura/largura/espessura; tamanho da letra; ilustração – preto e branco/cores/; material; índice); Validação e difusão (Referências de apreço; relação com coleções e/ou autores; relação com livros do autor); e Tendência central do conteúdo (Natureza do conteúdo –

⁵ Vale ressaltar o aviso de Block, referindo-se às revistas tidas como *diversão com propósito*: “Não sejamos ingênuos: essas revistas pretendem fazer algum dinheiro”. (STEINBERG E KINCHELOE, 2001, p. 254).

narrativo, descritivo, prescritivo/diretivo, de aplicação; temas e valores; imagens, aparato pedagógico).

Biccas (2001), ao focalizar a Revista do Ensino como objeto e fonte de seu estudo, também decompõe o periódico em várias categorias: capa; ilustrações; propagandas; fotografias; número de páginas; parque industrial; espaço ocupado por diferentes temas; conselho editorial; periodização; diversas seções; etc. A construção de um quadro com as diferentes categorias constitui uma metodologia que objetiva uma caracterização geral do objeto em estudo, permitindo, quando convém, o aprofundamento em pontos considerados de maior pertinência. Tal metodologia é bastante proveitosa, pois permite, a partir do estudo da materialidade do texto, encontrar indícios de sua circulação, dos interesses na sua produção, de seus leitores, das formas e das reações às leituras, dos usos que se eram feitos dos textos.

Nesta mesma direção está a pesquisa de Galvão (2001), que lança um olhar sobre a produção da literatura de cordel, buscando chegar no que ela denomina de figura fugidia e pouco estudada: o leitor. Sendo assim, Galvão objetiva encontrar o leitor-ouvinte dos cordéis, os modos de ler, as formas de acesso ao escrito e a atribuição de sentido aos textos.

Considerando que a leitura é um processo ativo de construção de sentidos, Galvão construiu um caminho que vai do leitor visado pelo poeta/editor até o leitor empírico, de “carne e osso”. Neste sentido, é importante destacar que os efeitos de leitura esperados/desejados por autores e editores nem sempre coincidem com os usos e as apropriações construídas pelos leitores empíricos. Para viabilizar seus objetivos, a pesquisadora analisa: título; autor; editor; data e local de publicação; local de venda; preço; número de páginas; número de poemas por folheto; número de estrofes dos poemas; disposição das estrofes na página; gênero dos poemas; tamanho do folheto; características gerais da capa, contra-capas e quarta-capas; disposição gráfica; presença ou ausência de referências a direitos autorais; tipos gráficos utilizados; disposição de letras maiúsculas e minúsculas; e publicidade.

Também está sendo útil na presente pesquisa a utilização da história oral, que contribuirá com informações pertinentes sobre a produção, circulação e uso do *Gurilândia*. Um ponto crucial que poderá ser evidenciado com a utilização da história oral diz respeito ao armazenamento ou não deste suplemento infantil nas escolas. Caso seja confirmado seu

armazenamento, obter-se-á um forte indício de que o *Gurilândia* era utilizado por professores como um instrumento auxiliador, ratificando sua função primordialmente pedagógica.

Isso posto, acredita-se que o estudo criterioso da materialidade deste suplemento infantil, somado às entrevistas que serão realizadas, ambos em andamento, poderão fornecer indícios consistentes das leituras que se faziam dele. Tal qual o detetive proposto por Bloch (1997), o pesquisador deve estar atento aos vestígios e pistas contidas no seu objeto, bem como às informações obtidas com as entrevistas, a fim de que possa supor, com responsabilidade, os usos que se faziam dele.

Por fim, cabe aqui uma relevante ressalva, que deveria permear todos os estudos que, de alguma forma, inserem-se na história da infância. Como enfatiza Kuhlmann (1998), não é a criança que escreve sua própria história. A história da infância, fruto das fontes que em sua quase totalidade são produzidas por adultos, é uma história *sobre* as crianças. Assim, não podemos esquecer que continuamos adultos a pesquisar e escrever sobre elas, como também não podemos olvidar a reflexão que isso deve provocar.

Conclusão

A pesquisa apresentada, embora ainda esteja em desenvolvimento, aponta para um diálogo intenso entre a grande imprensa e a escola, realizado ao longo das páginas do suplemento infantil *Gurilândia* no período de 1948 a 1965. Sendo assim, a pesquisa histórica do *Gurilândia* desemboca no questionamento dos suplementos infantis atuais. Neste sentido, é valiosa a análise dos cadernos infantis de 36 jornais brasileiros realizada pela ANDI⁶, em parceria com o Ministério da Educação e com o apoio do Instituto Ayrton Senna e do Unicef. Esta análise concluiu que, via de regra, os jornais brasileiros ignoram o potencial pedagógico dos cadernos infantis. Dentre os equívocos apontados pela pesquisa, pode-se destacar: tratamento periférico destinado a estes cadernos pelas empresas jornalísticas; dificuldade em superar a idéia de “passatempo”, com uma preocupação centrada na mera diversão; utilização de uma linguagem inadequada aos leitores infantis; indefinição do público-alvo; veiculação de valores que atendem a interesses mercadológicos; ausência de espaços reservados à interatividade com os leitores; escassa vinculação e diálogo entre estes suplementos e as escolas. Diante deste cenário, o estudo do *Gurilândia*, que no período pesquisado privilegiou

⁶ Agência de Notícias dos Direitos da Infância. A metodologia e os resultados da pesquisa podem ser encontrados em www.andi.org.br.

os interesses pedagógicos e a aproximação com os objetivos escolares, pode servir de inspiração para os atuais suplementos infantis.

Referências bibliográficas

BICCAS, Maurilane S. O impresso pedagógico como estratégia de formação de professores(as) e conformação do campo pedagógico em Minas Gerais: Revista do Ensino (1925-1940). 2001. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo.

BITTENCOURT, Circe M. F. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). Educação e Pesquisa, v. 30, n.3, set/dez 2004, p. 476-491.

BLOCH, Marc. Introdução à História. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.

CAPELATO, Maria H. Imprensa e História do Brasil. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

CARNEIRO, Glauco. Brasil, primeiro – História dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CARVALHO, Marta M. C. Uso do impresso nas estratégias católicas de conformação do campo doutrinário da pedagogia (1931-1935). Cadernos ANPED, n. 7, dez, 1994, p. 41-60.

CASPARD, Pierre; CASPARD, Penélope. Imprensa Pedagógica e formação contínua dos professores primários (1815-1939). In: CATANI, Denice B.; BASTOS, Maria H. C. (orgs.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 35-45.

CHARTIER, Roger. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UNB, 1999, p. 7-31.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (org). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p.77-105.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. Educação e Pesquisa, v. 30, n.3, set/dez 2004, p. 549-566.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. História da Educação, n. 11, abr. 2002, p. 5-24.

FERNANDES, Rogério; FILGUEIRAS, Margarida. Opções pedagógicas e seleção de manuais escolares na região do Porto (sécs. XIX-XX). In: MENEZES, Maria (org). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

GALVÃO, Ana Maria. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

KUHLMANN, Moysés. Infância e educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 1998.

NOVOA, António. A imprensa de educação e ensino. In: CATANI, Denice B.; BASTOS, Maria H. C. (orgs). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação.** São Paulo: Escrituras, 1997.

SILVA, Tomaz T. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (org). Cultura infantil: A construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.